

# Book Review

---

**Andrade, Mário.** *Short Stories by Mário de Andrade | Contos de Mário de Andrade.* Translated by John Ellis, introduction by Orna Levin, U Estadual de Campinas, 2020.

**Barreto, Lima.** *Short Stories by Lima Barreto | Contos de Lima Barreto.* Translated by Ian Reade, introduction by Daniela Birman, U Estadual de Campinas, 2020.

**Lobato, Monteiro.** *Short Stories by Monteiro Lobato | Contos de Monteiro Lobato.* Translated by Ian Reade, introduction by Marisa Lajolo, U Estadual de Campinas, 2020.

Dada a conhecida escassez de obras de autores brasileiros em tradução, é de se comemorar a publicação destes três pequenos e bem cuidados volumes bilíngues de contos de Lima Barreto, Monteiro Lobato e Mário de Andrade. É verdade que recentemente duas novas traduções de Machado de Assis e uma de Graciliano Ramos também chegaram ao mercado anglófono, na companhia de um ou outro livro de escritores brasileiros contemporâneos. Mas a amplitude e diversidade da literatura brasileira do presente e do passado continuam palidamente representadas no catálogo de traduções para o inglês, o que certamente limita que os autores do Brasil sejam mais lidos e estudados. A queixa é antiga, e já em 1948 Samuel Putnam lamentava, em *Marvelous Journey*, “the astonishing lack of familiarity with a literature as impressive as that of Brazil” (vii). Sendo que a situação não mudou muito desde então, as 15 narrativas reunidas nesta coleção contribuem para resgatar uma dívida (ainda assim enorme) com três grandes talentos do cânone literário brasileiro ainda pouco acessíveis a quem não lê em português. A maioria destes contos aparecem pela primeira vez em inglês, prestando contribuição valiosa para os que ensinam e estudam literatura e cultura brasileiras no exterior. De Lima Barreto, incluiu-se “A nova Califórnia,” “O homem que sabia javanês,” “Três gênios da secretaria,” “O pecado,” “Um especialista” e “Como o ‘homem’ chegou.” Lobato comparece com “O comprador de fazendas,” “O jardineiro Timóteo,” “O plágio” e “Marabá.” Mário

de Andrade está representado por “O ladrão,” “O peru de Natal,” “Frederico Paciência,” “Tempo da camisolinha” e “Será o Benedito!”

Três pesquisadoras assinam sucintas e bem articuladas introduções. Daniela Birman guia o leitor pelo que chama de “literatura militante” de Lima Barreto (1881-1922), um dos primeiros autores a flagrar a persistente exclusão social e o latente preconceito de raça sob o tapete do “progresso republicano” e de suas instituições pretensamente liberais. Marisa Lajolo ressalta os elementos que conectam à atualidade a literatura para adultos do sempre polêmico Lobato (1882-1948), como por exemplo a questão fundiária e a investigação metalinguística sobre a literatura e sua tradução transmidiática. Orna Levin comenta o viés subjetivo e o adensamento da investigação psicológica dos contos de Mário de Andrade (1893-1945), que simultaneamente iluminam a multiplicidade do tecido social de uma São Paulo que crescia sob o influxo da industrialização. Os textos introdutórios deixam entrever pontos em comum aos projetos literários dos três escritores, em especial a busca de um idioma com molejo brasileiro, que consagra o registro coloquial e se afasta das convenções gramaticais e do beletismo.

Lidas em conjunto, essas três antologias traçam um retrato do Brasil que ainda hoje prevalece. Adotando distintas modulações, vários dos contos descrevem a tortuosa e difícil história de transformação político-social e econômica do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Como se sabe, no avesso de ideias liberais e valores burgueses, mantiveram-se no período pós-colonial práticas e relações sociais retrógradas e frequentemente opressivas. Na abertura de “Como o ‘homem’ chegou,” o narrador de Lima Barreto ironiza (numa percepção que tristemente se aplica ao Brasil de hoje) que “[a] polícia da República, como toda gente sabe, é paternal e compassiva no tratamento das pessoas humildes” (142). Em seguida, relata-se o gratuito e violento aprisionamento e transporte em carro-forte, desde Manaus até o Rio de Janeiro, de um homem que supostamente enlouquecera. Em “O jardineiro Timóteo,” Monteiro Lobato traça o embate, atravessado pela estigmatização racial, entre diferentes classes sociais e suas respectivas formas de ser, sentir e estar no mundo. Resguardados pelos privilégios sociais e aferrados a modelos europeus “superiores,” os novos donos da fazenda ridicularizam as flores silvestres, desprezam o empenho do jardineiro Timóteo e ignoram por completo sua humanidade.

A história de Timóteo, como outras na coleção, faz ver que, a reboque do bonde do progresso arrastam-se mulheres, homens e crianças que mais perdem do que ganham com uma mal alinhavada modernização capitalista nos moldes da que ocorreu no Brasil. Tome-se como exemplo a família de camponeses que Lobato apresenta em “O comprador de fazendas.” Desprezando o pouco que têm e sem os meios necessários para revitalizar a propriedade, eles vivem “sem esperança e sem conserto,” no aguardo de uma lucrativa, mas hipotética, venda (32). Também depende de um golpe de sorte a vida do menino da Fazenda Larga, em “Será o Benedito!,” de Mário de Andrade. Deslumbrado pelas notícias das metrópoles que não conhece, o jovem negro está disposto a abrir mão de tudo que é, conhece e sabe fazer para viver o sonho da metrópole. Faz ainda parte desse cenário inauspicioso a casta de medíocres funcionários públicos de “Três gênios da burocracia,” cuja apática rotina de trabalho não exige “esforço a mais para viver o dia seguinte” (100). Segundo o irônico narrador desse conto de Lima Barreto, os burocratas, do alto de sua arrogância e pretensão, exercem “o ofício de auxiliar o Estado . . . na sua missão de regular a marcha e a atividade da nação” (98-100). Também nos contos de Mário de Andrade, os traços psicológicos dos personagens deixam vislumbrar as marcas de sua posição de classe. Acabam por narrar, à contraluz da vivência emocional, os anseios de mobilidade social e as ansiedades e hierarquias que dela decorrem: “Papai é que não gostava muito disso não, porque tendo sido operário um dia e subido de classe por esforço pessoal e Deus sabe lá que sacrifícios, considerava operário má companhia pra filho de negociante mais ou menos” (142).

Em 1921, Isaac Goldberg lançou *Brazilian Tales*, provavelmente a primeira antologia de contos brasileiros traduzidos ao inglês. Quase cem anos depois, ainda há inúmeras lacunas a serem preenchidas. Seria alentador que a Unicamp desse prosseguimento à coleção e contemplasse outras autoras e autores brasileiros. A fila é longa e variada.

**Carlos Cortez Minchillo**  
*Dartmouth College*